

MAMANI, Hernán Armando. Do 'atraso' e do 'desenvolvimento' como elementos do dilema da 'sociabilidade fechada' de Campos dos Goytacazes (RJ). *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.15, n. 45, p. 40-50, dezembro de 2016 ISSN 1676-8965

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Do 'atraso' e do 'desenvolvimento' como elementos do dilema da 'sociabilidade fechada' de Campos dos Goytacazes (RJ)

From 'backwardness' and 'development' as elements of the 'closed sociability' dilemma of Campos dos Goytacazes (RJ)

Hernán Armando Mamani

Resumo: Este trabalho descreve e interpreta a gramática que opõe 'atraso' e 'desenvolvimento' - mobilizada tanto pela imprensa, quanto por nativos e estrangeiros - para explicar a decadência econômica e social da cidade de Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do estado do Rio de Janeiro. Utilizando a observação e a documentação, de forma indiciária, constrói a hipótese de que a oposição entre ambos os termos extrapola o enquadramento estritamente econômico e delimita o dilema sociabilidade fechada, experimentada pelos estrangeiros como uma atitude antipática e pouco hospitaleira no trato cotidiano. **Palavras-chave:** sociabilidade, cidades médias, desenvolvimento

Abstract: This paper describes and interprets the grammar that opposes 'delay' and 'development' - mobilized both by the press and by natives and foreigners - to explain the economic and social decay of Campos dos Goytacazes city, located north of Rio de Janeiro state. Using observation and documentation, evidential way, it builds the hypothesis that the opposition between the two terms goes beyond the strictly economic framework and defines the closed sociability dilemma experienced by foreigners as an unfriendly and inhospitable attitude in everyday dealings. **Keywords:** sociability, middle cities, development

Neste artigo descrevo e interpreto a gramática do atraso e do desenvolvimento mobilizada tanto pela imprensa, quanto por "nativos" e "estrangeiros", para explicar a decadência econômica e social da cidade fluminense de Campos dos Goytacazes. Parto do suposto de que a oposição entre ambos os termos extrapola o enquadramento estritamente econômico e delimita uma "moral local" perceptível na sociabilidade urbana cotidiana e evidenciada pela comparação com outras cidades e regiões. Os termos atraso e desenvolvimento são comumente relacionados ao tratar da questão do 'desenvolvimento regional', tema que ocupa a opinião pública do município há várias décadas. O atraso seria efeito do passado rural, da decadência e falta de dinamismo econômico da agricultura e do escasso apoio dos governos estadual e federal. Já o desenvolvimento constitui um grande objetivo regional e "uma bandeira de luta". Curiosamente, a causa do desenvolvimento coincide com uma sociabilidade urbana fechada e recalitrante ao "estrangeiro" que oscila entre a indiferença ou a autodepreciação em relação aos que vêm de metrópoles ou de outros países e o desprezo para os que vêm de municípios menores ou de áreas rurais. Essa antipatia urbana para com o estrangeiro é uma atitude que não pode ser relacionada com facilidade a uma sociabilidade rural ou de cidade pequena dado que Campos dos Goytacazes, com meio milhão de habitantes, é a maior cidade do Estado do Rio de Janeiro, fora da Região Metropolitana, e o segundo município em termos de Produto Interno Bruto. O dilema moral, ao qual me refiro, advém da explícita ambição de desenvolvimento associada ao cultivo de uma sociabilidade restrita a pequenos círculos, própria de uma "regi-

ão fechada" (OLIVEIRA, 1981, p. 31) que se perpetua na relação entre "nativos" e "estrangeiros", mesmo quando a cidade experimenta mudanças econômicas significativas.

Construo, então, a hipótese de que a antipatia no trato cotidiano, experimentado por estrangeiros, constitui uma atitude expressiva de uma sociabilidade fechada, que caracteriza a cidade e constitui um dos dilemas coletivos do crescimento. A proposta engaja-se numa tentativa de requalificação do legado conceitual da sociologia urbana, a partir de novos objetos, de outros "casos particulares do possível". No caso, imito o exemplo de Simmel (2005) em relação à atitude blasé, não para constatar sua inexistência senão para sondar seus vínculos com a sociação urbana (sociabilidade) e a "personalidade" que a cidade assume (PARK, 1916, WIRTH, 1973). Quanto aos dados apresentados, originam-se de observação e documentação apresentados num relato tão vívido e denso quanto possível, construídos de modo indiciário (GINZBURG, 2011)¹.

1. Campos dos Goytacazes na leitura de um estrangeiro

Frequento Campos dos Goytacazes, Macaé e Rio das Ostras há mais de dez anos. Minha chegada se deu como pesquisador e professor universitário em 2002. Não conhecia, anteriormente, a região, a não ser por rápidas passagens por Rio das Ostras e Campos. Desta, guardava algumas imagens da minha primeira passagem em 1996, de uma cidade no meio da planície verdejante de canaviais que contrastava com as cidadezinhas rurais próximas, pequenas e pobres. Da paisagem de campos e planície, muito diferente das outras cidades do estado que até então conhecera, que para mim, argentino, evocava agradáveis reminiscências do interior das províncias de Buenos Aires, Córdoba ou Santa Fe.

Na cidade do Rio de Janeiro, eu era informado negativamente sobre Campos. Era um lugar "horrrível" de passado escravagista e de monocultura de cana-de-açúcar, economicamente estagnado, social e politicamente conservador. Tal tipo de comentários eram mais frequentes entre colegas e conhecidos de antepassados campistas. Suas avaliações eram entremeadas de trágicas histórias familiares de decadência e perda de patrimônio². Não raro, a origem era silenciada e a exposição parecia constranger³. Finalmente, a ruindade do lugar era ilustrada pelo governador do estado, na época Antony Garotinho e sua esposa Rosângela Matheus (Rosinha Garotinho), foram desprezados pela classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro, como a encarnação, mesma, do populismo e da corrupção.

Tais referências não eram lidas por mim, segundo os mesmos códigos. Minha compreensão pessoal pautava-se numa leitura 'argentina' que pendia para a defesa do 'nacional e popular', que entre seus 'mitos' atribui a condição periférica do país à sua inserção econômica predominantemente agro-exportadora, à sobrevivência das oligarquias, inicialmente rurais, à sua opressão sobre o povo, seu europeísmo (sub)colonialista, à concentração de recursos, econômicos, sociais e culturais em poucos pontos do país, oposto a um 'interior empobrecido', que identifica, também, a continuidade daquele padrão de relações, apesar da industrialização e modernização econômica. Contra isto não apenas valoriza uma militância relacionada aos grandes temas nacionais, senão que preza o heroísmo local o enfrentamento cotidiano de tais relações numa espécie de militância "molecular". E, numa transposição imediata dessa gramática, fixei-me em Campos tomando partido pela 'causa' local num contexto de expansão e interiorização das universidades públicas brasileiras.

2. A sociabilidade em Campos

Ao conhecer a rotina de Campos descobri que não existia no trato cotidiano da cidade uma atitude "cordial" como a da cidade do Rio de Janeiro - conhecida pela afabilidade no trato de rua, mas completamente superficial, e incapaz de construir relações mais duradouras, célebre pela frase "passa lá em casa" sem ser um convite real. O trato de rua era hostil e arrogante. Não se tratava, é verdade, de expressões de xenofobia para os estrangeiros, mas de indiferença hostil e de falta de

¹Os créditos desta hipótese devem-se a Jussara Freire que mencionou por primeira vez, numa conversa, a relação entre fechamento (CRUZ, 2005) e a falta de hospitalidade da cidade.

²Recordo colegas de doutorado que lembravam os conflitos de herança vivenciados por sua mãe. Ou outros que recordavam, negativamente, a inserção política de seus antepassados.

³Lembro de ter acompanhado uma proeminente pesquisadora da área de Sociologia do Trabalho numa entrevista com o vice-presidente da FIRJAN. Este no momento da apresentação disse nos somos primos, netos. Nosso avô era dono e uma farmácia em Campos. A pesquisadora desconversou, e não tocou mais no assunto, visivelmente constrangida.

hospitalidade para quem vem de fora. Experimenta-se em pequenos atos cotidianos, como a frieza no trato nas relações de vizinhança, a preferência aos conhecidos em situações de atendimento ao público, sendo o 'estrangeiro' protelado. Quando não se têm conhecidos, próximos, na cidade, é difícil superar a exclusão de círculos de sociabilidade construídos em torno do trabalho ou vizinhança, participando de confraternizações e eventos formais.

Já em outras ocasiões, sem que haja indiferença explícita, a apresentação pode vir seguida de perguntas do tipo, "você não é daqui, não?" "De onde você é?" E a resposta tende a ser seguida de visível surpresa, pelo fato de um estrangeiro permanecer na cidade, muitas vezes acompanhada da afirmação: "você não ficará... ninguém fica em Campos". Essa atitude, tomada como hostil pelos 'estrangeiros', dificulta a formação de laços duradouros e de uma moral comum.

O contato com alunos da cidade pôs-me a par de outra dimensão cultivada da sociabilidade local: as famílias. Nas conversas em particular, com alunas da pós-graduação em Serviço Social, em que trabalhei por volta de 2006, estas demonstravam um conhecimento bem detalhado das famílias, das linhagens e dos parentescos. Esse cultivo, explicaria a pergunta recorrente entre desconhecidos ao se aproximarem: qual é a sua família?

No meio universitário da cidade com o qual convivia, a atitude variava. No Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense do qual era docente, a faculdade mais antiga e isolada, fundada em 1962, que até o momento lecionava-se apenas um curso de Serviço Social, o curso era conduzido por parentes dos fundadores e por ex-alunos da escola, sendo eu o primeiro professor de fora da cidade, entre os trinta que ali trabalhavam, de modo que fora das atividades acadêmicas sentia pouca receptividade e permanecia um pouco à margem da sociabilidade já estabelecida. Já a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, com a qual mantinha proximidade - universidade pública estadual, fundada em 1992, uma referência em pesquisa e tecnologia - é formada por um grande contingente de professores "de fora", russos, porto-riquenhos, cubanos, peruanos e brasileiros de muitas outras cidades e estados, - nesta universidade eu integrava-me mais facilmente. Esses círculos de professores eram, porém, restritos, principalmente a esses 'estrangeiros' que se relacionavam entre si. Ocorria o mesmo entre os alunos. Além da relação cotidiana no ambiente universitário, estabeleciam a distinção entre os campistas e os de "fora" marcada pela moradia: os de fora moravam em repúblicas. E as repúblicas eram motivo de suspeita pelas famílias, tidas como lugares de costumes dissolutos e de uso de drogas (BLANC, 2009).

Confesso que a experiência de meus primeiros anos em Campos, que aqui rememoro, não mereceu maior atenção na época. Lia a hostilidade e a força dos círculos familiares como sendo típico do interior ou de uma cidade pequena. A antipatia e distância para com os de fora, não se assemelham à atitude blasé (SIMMEL, 2005) ou a uma apatia cívica (GOFFMAN, 1974) típica de grande metrópole. Neste caso, as atitudes urbanas cotidianas e as relações de vizinhança em relação aos que vêm de fora dificultam o estabelecimento de laços mais duradouros, apenas possíveis se integrados a círculos de relações locais já estabelecidas - seja das famílias, ou de 'novos' que se relacionam entre si, restritos, de todos os modos, à socialização em círculos reduzidos e estreitos.

Independentemente de se tratar de uma cidade grande ou pequena - e coerente com a abordagem aqui adotada - uma leitura sociológica tratará de relacionar as atitudes experimentadas cotidianamente às formas de socialização (SIMMEL, 2002) ou à estrutura social, o que envolve mais elementos que as meras atitudes cotidianas em relação aos estrangeiros.

3. A descoberta do vínculo entre atraso⁴ e questão regional

Foi na convivência com alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) - em particular do Núcleo de Estudo de Teoria Social (NETS), formado, principalmente, por alunos da cidade - que comecei a notar que a questão regional tinha grande importância no imaginário local. Numa ocasião, ao comentar a monografia de Paulo Sérgio Ribeiro da Silva Junior (2006), sobre dificuldades da indústria cerâmica do município em incorporar a tecnologia propostas pela UENF, sobre sua inserção econômica pouco ousada em termos de inovação, nas cadeias produtivas do estado, baseada no baixo custo e no uso intensivo de mão-de-obra, ele concluiu comentando lacônico: "Campos só será a capital do Chuvisco⁴..."

⁴ Doce feito de açúcar e gema de ovo, típico de Campos.

Não houve, nesse caso, referência explícita ao atraso, senão a pouca importância da cidade. Com isso remeteu-se, também, a uma saga histórica na qual Campos disputou em várias ocasiões, durante o século XIX, a possibilidade de ser capital do Estado do Rio de Janeiro ou ser capital do estado de São Thomé, reunindo parte do território do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e de Minas Gerais. A este relato somam-se outros que rememoram a pujança econômica do final do século XIX e início do XX, quando a região abrigou mais de cinquenta grandes usinas de produção de açúcar, saneou e embelezou a cidade segundo os mesmos critérios que a capital (FARIA, 1998), foi a primeira cidade do Brasil a ter iluminação elétrica.

As narrativas épicas recordam também a imigração italiana que, a partir de Campos, penetrou à bacia do Paraíba e do rio Pomba. Da ocupação do Morro do Coco, da navegação do Rio Paraíba do sul... E concluem invariavelmente com a evocação das grandes famílias aristocráticas do passado, de suas festas e de sua riqueza, da qual restam apenas vestígios e ruínas. E a enumeração dos cinemas e teatros que a cidade perdeu evoca também uma velha 'cidade perdida'.

O ponto culminante desse inventário de "perdas" destaca que, desde 1978, com a chegada da Petrobrás ao Norte Fluminense - que concentra a maior parte da produção-petrolífera do País - Campos perdeu importância, dado que Macaé - distante 100 km -, tornou-se sede operacional da Petrobrás, concentrando investimentos e postos de trabalho - o desenvolvimento -enquanto Campos pareceria sediar apenas o atraso e a decadência.

4. Desenvolvimento e Agenda Pública

Uma vez alertado sobre o cultivo dessa "memória da decadência" pude perceber um outro elemento do repertório, igualmente, frequente: a evocação publicado desenvolvimento, na imprensa, nas ocasiões públicas. Era, além disso, um elemento de destaque permanente da agenda pública municipal e regional.⁵ Com efeito, a questão da falta de desenvolvimento ou do 'atraso' econômico e social do Norte Fluminense e, em particular, do município de Campos dos Goytacazes, é um tema que mobiliza a opinião pública local há várias décadas, sendo impossível estabelecer o marco inicial, do 'problema'. Independente do encaminhamento prático, os analistas locais - acadêmicos, atores empresariais ou políticos em campanha, todos coincidem em apontar como causas da falta de desenvolvimento, a longa decadência da produção sucroalcooleira - considerada por muitos uma vocação - e a falta de apoio por parte das políticas federais e estaduais.

A leitura que é atribuída à decadência e à estagnação econômica regional por falta de políticas federais e estaduais vem sendo criticada por Vianna da Cruz (1987, 2003) há muitos anos. Ao contrário, não haveria precisamente falta de apoio político, senão de um "processo profundamente restrito, autoritário e excludente de apropriação e utilização dos recursos aportados ao território do norte fluminense, por grandes projetos nacionais" (CRUZ, 2003, p. 1).

As elites locais de fazendeiros e usineiros, para se apropriar dos fartos e baratos recursos disponibilizados, aceitaram o padrão periférico de integração no setor, que custou o seu isolamento territorial e social, excluindo os demais municípios, pelo corporativismo, e as demais camadas sociais, pelo fechamento de ramos e segmentos de atividades produtivas tradicionais, preço esse exigido pelo padrão de desenvolvimento do período, que transferia para as indústrias de máquinas e equipamentos de São Paulo o controle do pacote tecnológico. O outro preço pago foi o da não-ampliação da cadeia, via incorporação pela agroindústria regional do processo de refino do açúcar (CRUZ, 2003, p. 325).

Esse "fechamento"⁶ das elites locais, no marco dos anos 70 e do Proálcool, teria propiciado a modernização técnica da produção de açúcar e álcool, desarticulando a economia regional e estimulando a expulsão dos trabalhadores rurais do campo e, conseqüentemente, ocasionando uma rápida 'urbanização'⁷, o empobrecimento e o desemprego. Cruz formula, ainda, a hipótese de que existiria uma continuidade do regionalismo dos anos 70, e do atual, "reproduzida pelas "novas elites regionais de administradores municipais que gerem as rendas petrolíferas advindas dos Royalties" (CRUZ, 2003, p 327).

⁵E, ocasionalmente, estadual

⁶Termo inspirado no conceito de Fechamento de Região de Francisco de Oliveira(1977).

⁷Dos 114.300 residentes urbanos do município em 1983, 52,5% moravam em 19 bairros, enquanto o restante morava em 22 favelas definidas como áreas onde mais de 70% da população sobrevivia com rendas inferiores a três salários mínimos.

Não se trata, por certo, de uma continuidade das elites, senão da persistência, na construção da causa do desenvolvimento regional, do repertório que evoca a necessidade de superar o atraso e de promover o desenvolvimento econômico a qualquer custo, e reclama, permanentemente, da falta de apoio dos governos estadual e federal, associado ao uso perdulário dos recursos captados, restrito a pequenos círculos de 'associados'. Mudou, contudo, a inserção econômica e apolítica das 'elites locais'.

O autor refere-se à renovação política iniciada em 1988, com a eleição de Anthony Garotinho à prefeitura municipal - oriundo do PT e depois filiado ao PDT -, que distanciou da política e do governo municipal partidos e atores ligados aos usineiros, mas não o distanciou, ao menos de forma duradoura, do jogo no qual os municípios periféricos devem alinhar-se à situação estadual e federal, num sentido próximo ao conhecido como coronelismo⁸.

Não é meu propósito aqui avaliar se há continuidade ou não entre o antigo e novo regionalismo. No raciocínio que venho alinhavando preservo o caráter fechado da 'causa do desenvolvimento regional' no maior município da região norte-fluminense. Mas considero digno de registro que a ascensão política de Antony Garotinho tenha sido simultânea a uma articulação política regionalista e desenvolvimentista que em 1990, era conhecida localmente como grito de Campos⁹ e que teve consequências culturais, políticas e econômicas.

A nova liderança política que assume o poder municipal em Campos dos Goytacazes empreende uma estratégia de se constituir em *liderança e porta-voz* da região. Inicia um movimento regionalista, através de mobilizações de massa, nos municípios, na região e nas ruas da capital do estado, o Rio de Janeiro (CRUZ, 2003, p. 267).

Tal movimento levou, imediatamente, à criação da Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro¹⁰. Igualmente nesse período criaram-se uma série de instituições e programas nos quais o desenvolvimento justificava a ações empreendidas. Este era o caso da Companhia de Desenvolvimento de Campos (CODEMCA), criada na década de 90 como uma empresa promotora de iniciativas, que se restringe, hoje, a administrar as rodoviárias, o Camelódromo e os Cemitérios. E mais tarde, em 2001, a criação do Fundo de Desenvolvimento de Campos (FUNDECAM) ou o Fundo de Desenvolvimento da Produção de Cana de Açúcar (FUNDECANA), em 2006, - fundo alimentado com recursos de Royalties destinado a financiar empreendimentos econômicos capazes de gerar desenvolvimento.

A causa do desenvolvimento orientou, também, a luta pela obtenção dos Royalties para os municípios produtores de Petróleo em 1988 - cobrados a partir de 2000, - cujos recursos tornaram Campos um dos municípios mais ricos do Brasil. A mesma causa guiou, mais tarde, a disputa e a conquista do governo do Estado do Rio de Janeiro, comandado entre 1999-2007 por Anthony Garotinho e Rosângela Matheus. Elevou, mais tarde, à disputa presidencial. A mesma causa justificou e amalgamou a notável campanha promovida pelo Estado, em 2005, para que o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ)¹¹, construído pela PETROBRAS em Itaboraí, fosse construído em Campos.

Independente da efetividade econômica dessa disputa política pelo desenvolvimento e a região, essas mobilizações deram à elite política de Campos, prestígio e reconhecimento nos municípios do norte e noroeste fluminense e deu ao município visibilidade externa, e, finalmente, conseguiram atrair vultosos investimentos.

5.O futuro chegou: o 'desenvolvimento' possível

Os muitos anos de busca por investimento e de tentativas frustradas tiveram feliz término a partir de 2007/08, quando os municípios de Campos, São João da Barra e Quissamã entram no 'mapa' dos grandes empreendimentos do estado do Rio de Janeiro, com o início da construção de dois grandes projetos logístico-industriais: o Porto do Açú, em São João da Barra, e o Complexo Portuário Offshore da Barra do Furado – na divisa dos municípios de S. João da Barra e Quissamã (ver figura 1). Ao mesmo tempo, e em consequência da elevação dos preços do petróleo - no con-

⁸ Leal, 2012.

⁹Ver Folha da Manhã (16 dez. 1990, p. 1)

¹⁰Ver UENF (2016).

¹¹Ver PETROBRAS (2016).

texto do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) - houve uma retomada da produção de etanol e a construção de novas Usinas. A partir de 2008, a recepção de vultosos investimentos alimentava a esperança de mudanças substanciais na situação econômica da região e as possibilidades, alimentaram debates na imprensa e no meio universitário sobre o futuro, ao menos até 2014.

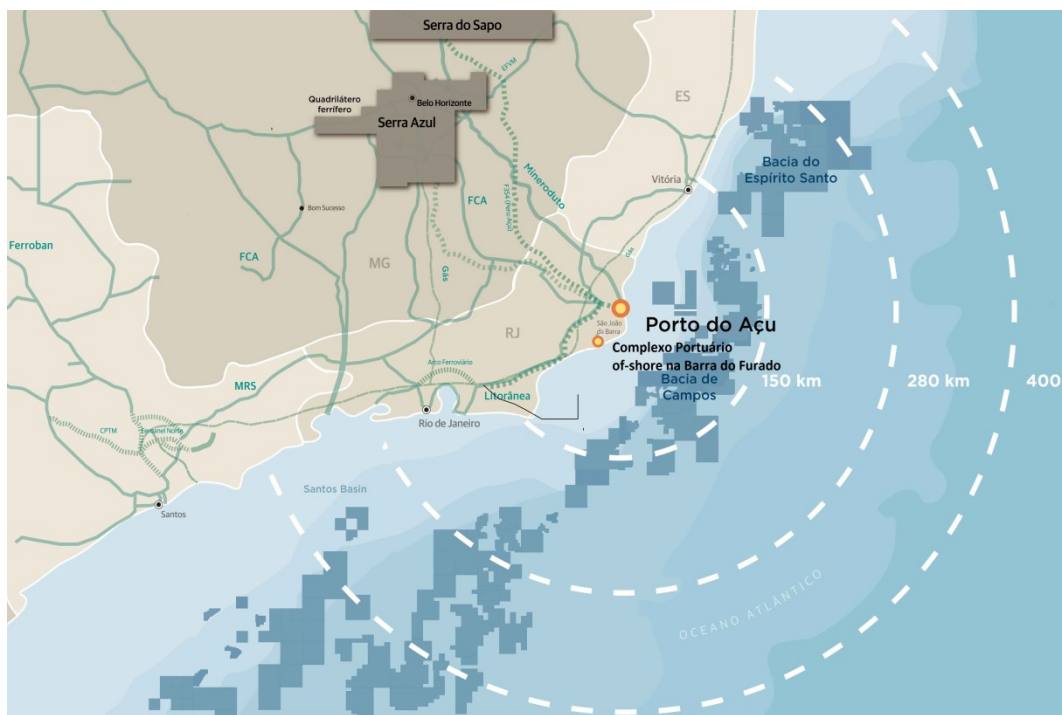


Figura 1 - Representação do Estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo indicando a localização do Porto do Açú e do Complexo Portuário da Barra do Furado. Fonte: Prumo Logística (2016) Elaboração própria

No caso do Projeto do Complexo Portuário, Industrial e Logístico do Açú, em São João da Barra - apresentado como o maior complexo portuário industrial da América Latina -, projetou-se a implantação de um grande Porto de águas profundas, que permitisse processar e embarcar minério de ferro transportado por um duto (mineroduto) desde Minas Gerais, um terminal de transbordo de petróleo e, além de área própria para indústria naval e uma 'retro-área' de parque industrial diversificado na qual se previa a presença de Indústrias automobilísticas, metal-mecânicas, elétricas, entre muitas outras, totalizando uma área de 90km². A construção concluída parcialmente em 2014 recebeu investimentos superiores a R\$ 4 bilhões¹² (ver figura2).

¹²Atualmente em operação, o Porto possui 17 km de cais e até 23m de profundidade, com capacidade para receber até 47 embarcações simultaneamente, incluindo navios de grande porte, como Capesize e Very Large Crude Carrier (VLCCs), que transportam até 320 mil toneladas de carga (PRUMO, 2016).



Figura 2 - Representação do Porto do Açu. Fonte: Prumo Logística (2016)

O Complexo Logístico e Industrial do Farol / Barra do Furado é um projeto constituído pelos municípios de Quissamã e Campos dos Goytacazes, com o apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro e do Governo Federal, e consiste na drenagem e preparo do Canal das Flechas com píer do Sandy By-Pass, sistema de transporte de areias projetado para evitar o assoreamento do Canal possibilitando a instalação de empresas do setor de Óleo e Gás. Os investimentos necessários para este projeto chegavam a R\$ 1 bilhão

Essas grandes obras são tomadas e publicitadas como marco de início do desenvolvimento (Foto 2) ou simplesmente de um novo mundo de oportunidade (Foto 1)



Foto 1 - Outdoor de Obra
Fonte: revista cidade (2013)



Foto 2 - Foto de Facebook
Fonte: CLOBF (2016)

Certamente, trata-se de retórica publicitária, mas que apela ao imaginário local, ao relacionar as grandes obras portuárias aos benefícios do desenvolvimento, e o desenvolvimento a um futuro alvissareiro. Nesse sentido, as antigas formas de tratar da falta de desenvolvimento e do atraso tendem agora a desaparecer.

As mudanças na cidade são rápidas e notórias. Empresas imobiliárias e construtoras de fora se estabelecem na região¹³. As grandes casas são derrubadas e prédios com nomes pomposos¹⁴ emergem e circundam ruas e avenidas com um comércio mais sofisticado, diferenciado do Centro histórico da cidade, que é popular. Num movimento análogo, expandem-se loteamentos em bairros tradicionais, desenhando uma linha de prédios que se destacam no horizonte da planície de futuros condomínios fechados, ao leste da cidade em direção às praias, ou condomínios mais caros, na direção oeste. Acidade enche-se de estrangeiros: espanhóis, americanos e holandeses somam-se aos brasileiros vindos de outros estados, e os preços dos alugueis se elevam.

¹³Como o grupo Cyrela atuante na barra da Tijuca, ou o Grupo Gafisa que atua na construção e incorporação e tem sede em São Paulo.

¹⁴Vivaldi, Splendore, Exclusivité, Excalibur, Dom Juan.

Com bases nessas mudanças, a partir de 2011 ou 2012, a atenção pública volta-se para o futuro, balizada por uma série mudanças: a chegada da rede de supermercados Walmart à cidade em 2009, e a construção de um novo Shopping em 2011, sua ampliação em 2013. Surgem novos hotéis de padrão internacional, constroem-se edifícios garagem, duplica-se a BR 101 e remove-se a mais visível das favelas da cidade - a favela da linha. Cada notícia desse tipo é administrada, pela imprensa local, com o provado “progresso” ou do desenvolvimento da cidade. Mas, ao mesmo, tempo, manifesta preocupação com crescimento “desordenado”.

Usando a experiência de Macaé como exemplo que não deve ser repetido, o raciocínio associa maior oferta de empregos à migração e esta ao aumento da pobreza, ao desemprego e à formação de favelas e aumento da criminalidade, caracterizados como “inchaço urbano”¹⁵. Paralelamente aumentam as notícias sobre violência urbana: roubos de imóveis e assaltos associados, e o tráfico armado associados espalhando um sentimento de insegurança crescente. Mas a insegurança é tomada como uma consequência do crescimento econômico, cujos efeitos negativos podem ser contornados mediante políticas preventivas, cujos efeitos positivos compensam os riscos, depois de décadas de estagnação e atraso.

6. Regresso à sociabilidade

A convicção de que o desenvolvimento chegou é firme, também, entre o empresariado. Assim, em outubro de 2014, em função de minhas obrigações institucionais¹⁶, fiz parte da mesa de lançamento do Pólo Tecnológico de Campos, no III Workshop Iniciativas e Ações Regionais, organizado pela Agência UENF de Inovação e pela Incubadora TEC Campos. Nesse evento, representantes de entidades governamentais, empresariais e universitárias discursaram, considerando a relação entre tecnologia e o desenvolvimento¹⁷. Eram falas de ocasião que, como a minha, saudavam, com maior ou menor ênfase, a iniciativa da TEC - Campos e expunham os condicionantes que cada instituição estabelecia para participar. Dentre todas elas, a que chamou mais minha atenção foi a exposição do diretor regional da Federação de Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), que iniciou afirmando, mais ou menos, que "durante muitos anos buscamos investimentos de fora, mas agora, não precisamos mais buscar ninguém". Nesse sentido, saudava a iniciativa de criar um Pólo tecnológico na medida em que fortalecia a sinergia econômica já estabelecida na região.

Afirma-se aqui a independência econômica e empresarial de Campos, que em termos de política econômica, indica que não é mais necessário buscar investimentos de fora, ou políticas de desenvolvimento para a região - ponto chave do regionalismo fechado. E, ao mesmo tempo, não se disputa uma contra-hegemonia local com as grandes empresas estrangeiras estabelecidas na região¹⁸ senão a busca de se integrar aos complexos produtivos que se estabelecem, pela via da inovação e da interação.

Ao menos em termos discursivos, abandona-se aqui o regionalismo fechado, embora se reconheça e invoque uma identidade local (nos), e certa autonomia econômica diante das 'forças vivas' econômicas, políticas e intelectuais da cidade. E isto ocorre no momento em que a cidade está cheia de estrangeiros: de empresas, de técnicos, e trabalhadores. No entanto, permanece a atitude hostil, no trato cotidiano, em relação aos que vem de fora, que não é possível de ser compreendida restrita apenas a explicações econômicas e políticas.

Mencionei anteriormente, que é possível utilizar, para Campos, a noção de fechamento ou de região fechada, desenvolvida por Francisco de Oliveira (1976, p.33), para descrever o Nordeste, tal como o faz Vianna da Cruz. Naquele caso, o fechamento aduz à preservação da primazia eco-

¹⁵Para evitar esse “inchaço urbano” haveria que qualificar a mão-de-obra local de modo a torná-la empregável (Folha da Manhã, 15 de Abril de 2012, p.4).

¹⁶ Sou, desde 2011, diretor de minha unidade.

¹⁷ "O debate contou com a presença ainda do vice-reitor da UENF, Édson Corrêa (representado o reitor, Silvério de Paiva Freitas); do reitor do IFF, Luís Augusto Caldas; do diretor regional da Firjan, Geraldo Coutinho; do representante da Sec. Otakar Guilherme; do secretário municipal de Petróleo, Gás e Inovação, Marcelo Neves; do secretário municipal de Governo, Suledil Bernardino; do presidente da Câmara de Vereadores de Campos, Édson Batista; do presidente da Fundenor, José Carlos Menezes; da reitora do Uniflu, Inês Ururahy; do professor Hernan Armando Mamani (representado a UFF); do gerente regional do Sebrae, Gilberto Soares; e do professor João Rangel (Universidade Cândido Mendes)". (UENF, 2015).

¹⁸A Prumo logística, que administra o Porto do Açú, a Petrobrás e asvárias empresas multinacionais que pouco a pouco se fixam no porto.

nômica, política e social da região por uma pequena 'elite' local, mediante o controle sobre os casamentos e o patrimônio, sobre a política e sobre economia, quer dizer, a reprodução de um "baronato açucareiro".

De fato, estes tipos de círculos são descritos por Cunha (2005) ao tratar da 'sociedade campista' e a memória que seus remanescentes cultivam da praia de Atafona - balneário daquela elite campista entre os anos 20 e 80. A 'sociedade', era composta pelas famílias descendentes de barões, de grandes usineiros, de seus principais sócios e gerentes, por grandes proprietários rurais e pelas famílias dos comerciantes da cidade - muitos, de origem portuguesa, italiana, francesa, espanhola ou sírio-libanesa. Seus "bailes de gala [...] bailes de debutantes, festas de casamentos, aniversários de quinze anos e bailes da primavera [...] realizados nos salões do Automóvel Clube, do Saldanha da Gama eram divulgados, acompanhados, e festejados pela imprensa local" (CUNHA, 2005, p. 80)¹⁹. Mas a partir de meados da década de 1980 as velhas famílias - hoje chamadas tradicionais - empobreceram, vítimas da crise que fechou, uma a uma, as usinas e seus clubes e instituições sociais arruinaram-se.

Aquela 'sociedade' cultivou, durante décadas, regras rigorosas de casamento quase endogâmicos.

As moças dessa "sociedade", para fazerem "bons casamentos", deveriam casar-se com alguém "de seu nível social para cima, nunca a baixo"[...] Ao rapaz, era permitido casar-se com uma moça um pouco abaixo do "nível social" de sua família, desde que a família da moça também pertencesse à "sociedade". O fato das famílias serem conhecidas como que assegurava a "moral" e "boa educação" dos conjugues. Eram comuns os casamentos entre primos e entre pessoas da mesma "família extensa". Recorrentes ainda são os casos de casamentos entre cunhados. Após tornar-se viúvo, o homem casa-se com uma irmã ainda solteira de sua falecida esposa. Tais casamentos acabam por manter no interior do mesmo grupo o patrimônio da família. Os casamentos, então, realizavam-se, preferencialmente, entre as próprias famílias da "sociedade" campista. Era um grupo relativamente fechado, que primava por manter relações sociais entre si (CUNHA, 2005, p 85).

O fechamento estamental da 'sociedade' campista permite validar o paralelo com o nordeste feito por José Luis Vianna da Cruz (2003) ao menos durante seu auge econômico, mas não permite compreender como o fechamento se reproduz nas novas elites administrativas e menos na sociabilidade cotidiana da cidade. A perpetuação da atitude antipática experimentada por visitantes, na cidade de Campos, não pode ser compreendida se não relacionada à cultura mesma da cidade, com a sua urbanidade²⁰. Se a 'sociedade' enfraqueceu e perdeu hegemonia econômica e presença política, é possível crer que não perderam completamente seu prestígio na cidade e seus círculos e cultivos alimentam e perpetuam as atitudes que orientam as relações preferenciais, que pauta a confiança nas relações interpessoais, econômicas, e familiares e se expandem para além dos círculos tradicionais.

Sob esta perspectiva, a antipatia ou atitude antipática de que falei, aparece, também, como um modo de repelir e expulsar recém-chegados ou concorrentes, numa sorte de tática coletiva de evitar e resisti-los e, em longo prazo, uma estratégia de manter posições locais. Neste caso, o fechamento e a antipatia antes que se relacionar ao fato de Campos ser uma cidade menor tratar-se-ia de uma forma típica de enfrentar a invasão e a própria decadência segundo o padrão ecológico de invasão e sucessão (PARK, 1970, p. 29) e tal atitude termina por se apresentar como a personalidade mesma da cidade. Decorre disso o dilema moral ao que me referi no início deste artigo. Corresponde à contradição entre a busca deliberada da expansão econômica, do desenvolvimento, mediante o aporte de recursos, políticos, econômicos, técnicos e culturais e externos e a tentativa de deixar tão intocada, tanto quanto possível a estrutura social local. E isto, em termos de cultura ur-

¹⁹Em meados do século XX, essas famílias se conheciam há duas ou três gerações. Em alguns casos são descendentes de abastados fazendeiros ou até mesmo Barões. Em outros tantos, porém, são famílias de origem pobre, que se estabeleceram e ganharam dinheiro, criando condições para investir "nos estudos" dos filhos. Muitos estudaram no exterior ou no Rio de Janeiro, formando-se "doutores". Outros seguiram as origens dos pais, continuando à frente das fazendas ou usinas" (CUNHA., 2005, p. 80).

²⁰ Sem grande discussão tomocultura tal como definido por Park (1916, p. 26) como "organização moral da cidade".

ba, traduz-se na recusa de estabelecer relações duráveis com os recém-chegados, para além dos vigentes localmente.

Conclusão

A gramática com que se descreve publicamente, Campos, articula, mediante a oposição do atraso x desenvolvimento, uma sorte de identidade local e a causa regional, no sentido de superar a estagnação e a decadência econômica e social. Ao mesmo tempo em que descreve o dilema de ambicionar contraditoriamente uma modernização econômica, preservando, tanto quanto possível, a estrutura social local, caracterizada pela primazia de círculos econômicos e familiares fechados, pelo estabelecimento de laços de confiança apenas entre membros desses círculos, que denominei sociabilidade fechada. A atitude antipática que caracteriza o trato cotidiano para com o estrangeiro, nesse contexto, seria um aspecto central dessa sociabilidade, uma sorte de tática coletiva destinada a evitar e repelir estrangeiros - possíveis concorrentes - e, a longo prazo, seria uma estratégia capaz de manter posições as locais inalteradas.

A proposição aqui elaborada não passa de uma hipótese que deveria levá-lo a questionar se é possível pensar uma continuidade entre a sociabilidade de círculos fechados típica do baronato do açúcar e a presente. Se fosse, em que círculos e cultivos se perpetua? Como se relaciona com o mundo econômico? Como incorpora e se relaciona com círculos externos? Como se reproduz, em que instituições? Além disso, seria interessante pensar como a sociabilidade fechada incide sobre grupos de recém-chegados; sobre seus conflitos. Sobre a forma como se relacionam os círculos superiores com grupos subordinados. Sobre existência de áreas e de momentos de co-presença e socialização; sobre casamentos e os modos de lidar com o empobrecimento.

Referências

- BLANC, Manuela. *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-1897). *História (São Paulo)*, v. 30 n. 1, p. 56-89, 2011.
- CLIOBF. *Complexo Logístico e Industrial Farol - Barra do Furado*. (2016) Disponível em: <https://www.facebook.com/ComplexoLogisticoFarolBarraDoFuradoOficial/?fref=ts>. Acesso em 10 jun. 2016.
- FARIA, Teresa Peixoto. *Campos dos Goytacazes, resources et virtualités d'une ville brésilienne. Données de l'histoire*. 1998. Tese (Doutorado em Urbanismo) Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França, 1998.
- FOLHA DA MANHÃ. Grito de Campos mobiliza toda a região. *Folha da Manhã*. Campos, 16 dez. 1990, p. 1.
- FOLHA DA MANHÃ. Ponto Final, *Folha da Manhã*. Campos: 15 abr. 2012, p.4.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GOFFMAN, Erwin. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil*. 4a edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- PARK, Robert. "A cidade: Sugestões para a investigação". In: VELHO, G.O (Org). *Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PARK, Robert. Ecologia Humana, In: PIERSON, D. (org.) *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Martins, 1970.
- PETROBRAS. *Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro*. 2016. Disponível em: <http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/principais-operacoes/refinarias/complexo-petroquimico-do-rio-de-janeiro.htm>. Acesso em: 10 junho 2016.
- PRUMO. *O empreendimento*. Disponível em: <http://www.prumologistica.com.br/pt/superporto-do-acu/Paginas/o-empre.aspx>. Acesso em: 10 junho 2016.
- REVISTA CIDADE. *Complexo Logístico de Barra do Furado já é realidade*. 2016. Disponível em: <http://www.revistacidade.com.br/siteantigo/noticias/22-negocios/3615-complexo-logistico-de-barra-do-furado-ja-e-realidade> 24 de Agosto de 2013 UENF. *História da UENF*. <http://www.uenf.br/portal/index.php/br/historia-da-uenf.html>. Acesso em: 10 junho 2016.
- SILVA, Paulo Sérgio Ribeiro da Jr. *Modernização e suas contradições: notas sobre a experiência da interação*

LAMAV / UENF e a indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro: Campos dos Goytacazes, 2006.

SIMMEL, Georg. *Cuestiones Fundamentales de Socio-*

logia. Barcelona: Gedisa, 2002.

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. *Mana*, ano 11, n. 2, 2005.

WRITH, L. O Urbanismo como modo de Vida. In: VELHO, G.O (Org.). *Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

